

## CONTANDO HISTÓRIAS E BORDANDO A VIDA: VIVÊNCIA EM OFICINAS DE ARTES-MANUAIS COM IDOSAS

Giulia Fernandes  
Curso de Psicologia/DPSIC/UFSJ  
giuliacff@gmail.com

Giovana Scareli  
DECED/UFSJ  
giovana\_scareli@ufsj.edu.br

### Resumo

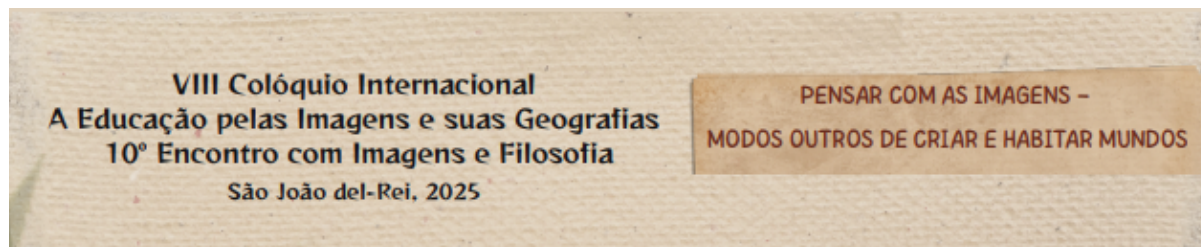
A pesquisa investiga como as artes-manuais, especialmente o bordado, possibilitam a rememoração e o compartilhamento de histórias de mulheres idosas em oficinas realizadas na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Inspirada no método cartográfico de Deleuze e Guattari (1995), a proposta acompanha processos subjetivos e afetivos, valorizando memórias evocadas pelo gesto manual e pela convivência coletiva. Autores como Ecléa Bosi, Nina Veiga e Maria Lúcia Afonso fundamentam a compreensão da memória, da velhice e do papel das oficinas como espaços de expressão, reinvenção, possibilidades e pertencimento. As atividades mostraram que a arte têxtil resgata tradições, sentimentos e narrativas pessoais, ao mesmo tempo em que cria novos sentidos para a vida. O “avesso do bordado” e o contexto “caosmótico” é utilizado como metáfora para os processos que compõem os passos das pesquisadoras-cartógrafas no campo de pesquisa com as idosas, o qual passa a ser linhas-guia através dos dispositivos das artes-manuais.

**Palavras Chave:** Artes-Manuais; Cartografia; Velhice; Educação.

### Introdução

Contando e bordando a vida é a forma como essa pesquisa se iniciou. Conduzida pela curiosidade de entender como as memórias são rememoradas em um grupo de mulheres idosas, escolhemos algumas bagagens em comum: o gosto inesgotável pela arte, os gestos delicados em bordados e as histórias carregadas dos emaranhados de linhas que cada uma teceu e/ou bordou em sua vida. Exploramos o significado das artes-manuais, memórias e velhice e os estudos na área em que esses temas se encontram. De forma complementar, analisamos a vivência coletiva em oficinas de artes-manuais ofertada para mulheres do programa de Extensão Universidade para a Terceira Idade da UFSJ.

Para guiar nossa pesquisa, escolhemos a cartografia, conforme delineada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e, posteriormente, desenvolvida e sistematizada como método de pesquisa por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2012). Para Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2012, p. 53) “[...] a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”, o que faz todo sentido no projeto proposto, uma vez que priorizamos estar atentos aos subentendidos e implícitos,



utilizando dispositivos que possibilitem reviver memórias pelas histórias e registrar “onde a razão que vacilou, gaguejou e não soube expressar?” (Bosi, 2003, p. 17).

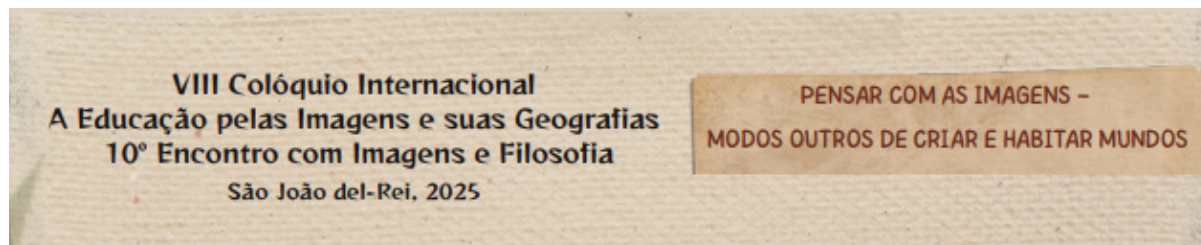
A partir dessa perspectiva, escolhemos alguns principais autores para aprofundar o entendimento sobre os conceitos-chave que fundamentam este projeto, visando estabelecer uma base teórica sólida para a análise e a intervenção. Ecléa Bosi para nos guiar pelos significados da memória e velhice e Nina Veiga, juntamente com Maria Lúcia Afonso para a contextualização das oficinas de artes manuais, mais especificamente, o bordado. Bosi (2003) aprofunda nos termos bergsonianos para explicar que a memória é a subjetividade do conhecimento que temos das coisas:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, "descola" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 2003, p. 36).

É a partir dessa força subjetiva da memória que nos debruçamos nas histórias contadas. “O pesquisador deve enfrentar o fato de que uma história de vida, ou mil histórias de vida jamais substituirão um conceito ou uma teoria da História” (Bosi, 2003, p. 49). E são essas afecções que escolhemos seguir e observar nas oficinas propostas ao longo dos meses, afinal, como evitar contar lembranças advindas do contato da mão com a agulha que se conhece a tanto tempo? Que se aprendeu com a mãe, a avó ou uma amiga? Como não recontar as histórias do passado que não se descola do bordado, da costura, do crochê, que carregam palavras, sentimentos e ações?

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios (Bosi, 2003, p. 15).

O envelhecimento da população brasileira constitui um dos fenômenos demográficos mais significativos do século XXI, acarretando profundos desafios sociais, econômicos e de saúde pública, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2005. Uma das estratégias desenvolvidas pela OMS (2005) para assegurar uma melhor qualidade de vida dessa população no ano de 2002 foi a criação do Marco do Envelhecimento Ativo e, conseqüentemente, o desenvolvimento de políticas públicas em diferentes esferas governamentais para atender esse público. Entre elas, estão os locais onde são ofertadas atividades para que idosos(os) se encontrem para jogar, tocar instrumentos musicais, cantar, dançar, fazer cursos de línguas, de artes visuais entre outras atividades que, muitas vezes são oferecidas dentro de programas de extensão universitária, como é o caso do Programa de Extensão Universidade para a Terceira Idade Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).



Na UFSJ, a Universidade Aberta para a Terceira Idade (UnATI-UFSJ), surgiu como Programa de Extensão Universidade para a Terceira Idade no ano de 1995, oferecendo o curso Atualização de Conhecimentos e Preparação para o Envelhecimento, com diversas atividades. A proposta deste Programa, em pleno funcionamento até os dias de hoje, é promover encontros entre pessoas idosas por meio de diversas atividades educativas, tais como palestras com temáticas de saúde, direitos dos idosos, nutrição; cursos de línguas estrangeiras, desenho, artes; aulas de hidroginástica e musculação, além de oficinas com temáticas variados. Afonso (2002) define essas oficinas como:

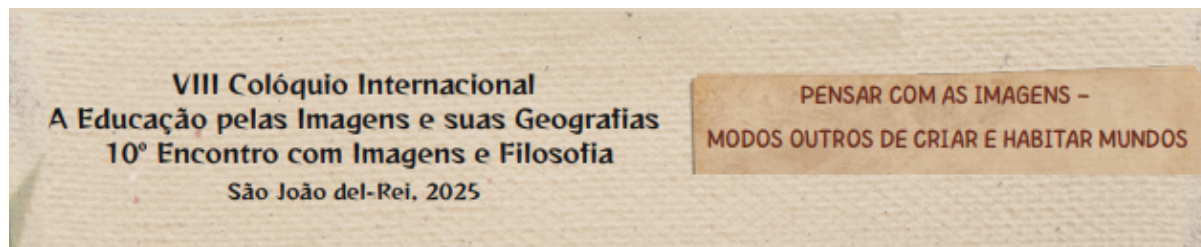
Um trabalho estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional mas envolve os sujeitos de uma maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (Afonso, 2002, p. 9).

A partir disso, escolhemos estudar as oficinas de artes-manuais e a potencialidade que elas têm em se tornarem espaços privilegiados de encontros e expressão no grupo da terceira idade. O conceito de artes-manuais que apresentamos é trabalhado por Nina Veiga (2021, p. 456) e nos “[...] remete aos modos de existir no tensionamento entre a arte e os fazeres manuais. O hífen em artes-manuais reside na teimosia humana de unir arte e tradição em fazeres singulares”. O trabalho com as mãos, como corpo, “[...] parece favorecer caminhos de percepção e consciência, de compreensão do lugar onde habitam as nossas próprias forças” (Ribeiro, 2021, p. 63). Além disso, o trabalho com as artes-manuais pode auxiliar numa abertura na qual, ao executar o trabalho atentas(os) aos pontos, aos gestos, aos movimentos das mãos, possam nos sensibilizar e permitir aflorar diferentes sentimentos, sensações e memórias.

### **Linhas, agulhas e risco: como guiar a costura?**

Corroboramos com a premissa de que “[...] o método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades dos territórios” (Kastrup e Barros, 2012, p. 77). Neste sentido, não há metodologia pronta com todas as etapas desenhadas a priori, mas que, segundo Kastrup; Barros (2012, p. 77) “[...] enquanto método, a cartografia sempre requer, para funcionar, procedimentos concretos encarnados em dispositivos”. Nesse sentido, “o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (Foucault, 1979, p. 244) ou, mais precisamente, são “máquinas que fazem ver e falar” (Kastrup; Barros, 2012, p. 78).

Dessa forma, a concepção teórico-metodológica possibilitou que realizássemos as adaptações necessárias para o projeto. Inicialmente, convidamos as mulheres idosas que frequentavam o programa de extensão UnATI-UFSJ (Campus Dom Bosco) para formar um grupo com 10 a 15 integrantes a fim de participar das oficinas de artes-manuais têxteis, coordenadas e executadas pela orientadora Giovana Scareli, co-orientadora Simone Toledo, e



pela aluna de graduação, Giulia Fernandes selecionada para este projeto de Iniciação Científica.

Durante as oficinas, utilizamos dois equipamentos de filmagem e um dispositivo celular para o registro fotográfico das atividades<sup>1</sup>. Realizamos cerca de seis encontros com o grupo de idosas, com início no dia 4 de novembro de 2024 e fim no dia 16 de dezembro de 2024, sempre às segundas-feiras, das 14h30 às 16h, na sala 1.82. Não houve propriamente um “encerramento” das atividades naquele ano porque a última oficina, marcada pela proposta interventiva dos estagiários Otávio, Eymard e Giulia se prolongou. Por isso, em 2025, demos continuidade às oficinas em formato diferente.

Para este trabalho, escolhemos um recorte na vivência subjetiva do projeto, com a seguinte pergunta-guia: de que maneira as oficinas de artes-manuais estimularam as participantes a revisitar e compartilhar suas memórias, recontar suas histórias e ressignificarem o seu olhar sobre a vida? Além disso, levando em consideração o corpo cartográfico afetado em seu campo de pesquisa, nos questionamos como se deram os encontros e no que estes acarretaram concretamente e afetivamente? (Costa, 2014).

### **O avesso do bordado**

Uma oficina não se inicia no primeiro encontro, assim como um texto não começa pela primeira linha. Há desejos e expectativas que correm antes do sinal vermelho abrir. Ambos enovelam-se feito linhas e quando percebemos, elas já estão juntas entrando pelo espaço mágico da agulha sendo guiadas por nossas mãos – aquelas que, por vezes, captam nossos sentimentos e agem sobre eles antes mesmo de nossa verbalização emergir. Para onde esses desejos e expectativas querem ir? Como seguirão após o primeiro parágrafo escrito e a primeira oficina ofertada? Qual tecido a agulha escolhe bordar?

E se for mesmo uma pesquisa de tipo nenhum? E se for uma pesquisa sem imagem do que é pesquisar? Gilles Deleuze (2006a) propôs, certa vez, substituir uma imagem do pensamento por um pensamento sem imagem. Imagem do pensamento significa uma forma à qual o pensamento está territorializado, impedido de dançar. Forjar, por sua vez, um pensamento sem imagem, isto é, sem uma imagem prévia do que seja pensar, implica abrir mão de um modelo seguro. Será possível nos fazeres da pesquisa em educação? (Ranniery, 2012, p. 164).

Ranniery (2012) expõe a frustração do pesquisador-cartógrafo em não saber o que será encontrado ao jogar seu corpo no campo de pesquisa e se permitir ser cartógrafo além de pesquisador, no questionamento da (im)possibilidade de não seguir um modelo convencional na pesquisa em Educação e da dificuldade em (des)pensar o pensamento – deixar os movimentos escolherem seus passos enquanto dança e a agulha escolher suas linhas e tecidos enquanto borda. No mesmo sentido, Costa (2014) explica que os encontros e seus

---

<sup>1</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de ética sob nº 7.165.893

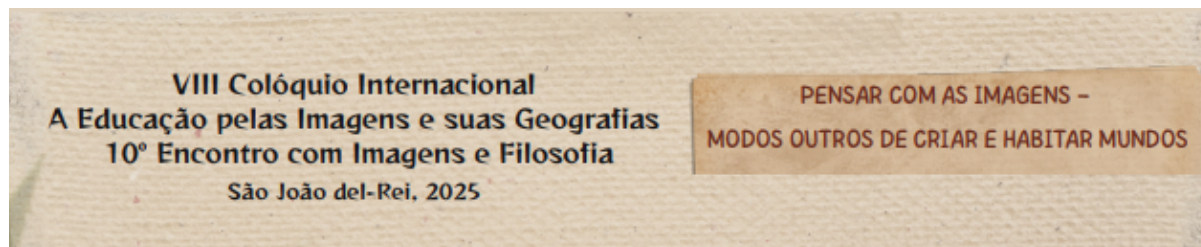
atravessamentos estão fora de controle e previsão do pesquisador-cartógrafo, uma vez que, ele “é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho” (p. 71), aos pontos que a agulha irá perfurar e as linhas que irão se (des)fazer.

O que acontece quando uma pesquisadora-cartógrafa de apenas vinte e três anos vividos escolhe ouvir cerca de sessenta anos de memórias? O que as idosas evocam? Uma fala com pausas convictas. Silêncio despreocupado que costura uma memória já (des)feita e (re)feita mais de uma vez. A fala de quem já fala há anos, mas ainda tem muito o que dizer. A narração com o *et cetera* que foi perguntado por tantas noites solitárias... que já não há mais o medo das não-respostas dadas pelo silêncio descomunal do anoitecer. “Uma vez dito *et cetera* tudo se torna vago, vagante e imenso como um domingo.” (Fernandes, 2014, p. 156). E quantos domingos elas tiveram? As contadoras de histórias evocam o sapato desconfortável usado na infância, a dor de uma filha perdida, todos os “não” ouvidos por um pai ou a morte de uma mãe. Mas mesmo que a fala seja guardada de um *et cetera* seguro e calmo, eles foram regados pela sede descontrolada de anos que resistem a tudo e traz um estalar, um vir a ser, o tornando uma senhora de tudo (Fernandes, 2014) “porque o tempo é uma lâmina que se afia cortando a vida.” (Carrascoza, 2023, p. 37).

Assim como Scareli (2021), “minha percepção estava voltada para essa ação, preparada pelo meu corpo, para identificar e selecionar de todos os estímulos que recebemos do mundo, aqueles ligados ao universo da costura” (p. 598) e das demais artes-manuais. Por isso, escolho bordar o incômodo com a estima, transformando-os em uma cartografia onde possa acontecer um *patchwork* de memórias escolhidas de acordo com o que a agulha, linha e tecido preferem seguir. Talvez, as narrativas vibram em nós, tal como a aspiração de abrir relicários. Relicários que guardam e abrigam o emaranhado de nossas memórias. (Lemos, 2022, p. 241)

O choque de gerações é presente em cada risada-vírgula que dou ao ouvir o início de uma frase. Nunca pisei em uma quinta estação, mas penso muito nela. Carrascoza (2023), um homem idoso em contexto de isolamento pela covid-19, escreve *O céu Implacável* e, em um de seus contos, diz que conhecia parte dessa quinta estação “porque, para ele, não era mais possível (havia anos) a leveza insuspeita, o pensamento virtuoso, a crença em (apenas) dias claros” (p. 28), e, imagino eu, que é assim também com as idosas que conheci, para elas “não eram mais possíveis (havia anos) os eufemismos, os amortecedores, os gestos atenuantes. Não era mais possível (havia anos) aceitar, embora sem mágoas, nenhum tipo de ilusão.” (p. 28). E isso ficou comigo mesclado nas escutas, já que meus vinte e três anos foram marcados em sua maioria pelas ilusões, crenças em dias claros e gestos atenuantes.

Sendo guiada por devaneios, encontro Almeida e Ferraz (2015) relacionando as concepções de Deleuze e Guattari do caos no cosmos com a escrita do poeta Luís Serguilha. Eles dizem que “não há síntese ou uma tentativa de se conter ou de se superar o caos: o que há é uma vontade de entrar no mesmo movimento do Caos de modo a se criar um caosmos” (p. 34), um caos dos acasos e imprevisíveis que possibilita a ação do pensamento a partir da escrita caótica, a qual “está sempre diante do desconhecido, do inesperado, do inusitado, do que nunca se entrega e nunca se mostra, do que escapa para dentro do Caosmos, podendo



tanto haver criação a partir do choque quanto da distância, numa aproximação que causa explosões” (p. 34).

Esse Caosmos que me acompanha se energizou ao se deparar com o Caosmos emanado nas segundas-feiras em que meu pé direito entrou na sala 1.82 do Campus Dom Bosco. Acostumada em ministrar oficinas seguindo planejamento mais fixos, o encontro com o acaso permitiu uma nova experiência comoicineira e cartógrafa. A sensação que fica é de que as oficinas nunca serão terminadas. Os registros parecem ser espécies de extensões que permitem fazê-las continuar existindo mesmo após dias ou meses passados. Tantas histórias. Tantas vidas. Tantas memórias.

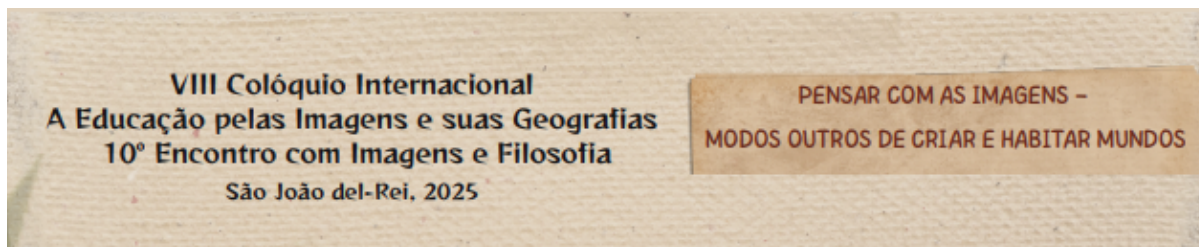
A memória, como agricultura, não se faz por si. Por isso, pegue a enxada, as mudas, o adubo, e esteja atento ao tempo, à hora da sementeira e à da colheita, esteja atento, porque toda lavoura, além dos cuidados para que prospere, está sujeita a geadas, pragas, ventanias — e, sobretudo, ao abandono (Carrascoza, 2023, p. 60).

A linha vai se desmanchando em seis. Escolhe-se três para usar. Os dedos com digitais escolhem as da vez para puxar. E puxa. Devagar ou rápido? Ela sai. Desemolada somente para aquelas mãos que já fizeram isso alguma outra vez. Por setenta anos? Digitais experientes. Digitais que já passaram por geadas, pragas, ventanias e abandonos, mesmo com o adubo sendo cuidado ano após ano. Agulhas que fincaram os dedos. Dedos que saíram sangue. Sangue que quer falar. Precisa contar. Dizer como foi que a agulha fincou o dedo. Como transformou suas digitais?

Ao me deparar com todas as idosas das oficinas, (re)penso o quanto elas inventaram maneiras de (se) cultivar para estar aqui. Rodeadas de gente. Filhos, irmãos, amigas. Todas artistas. Mesmo que cada uma com suas questões, as artes feitas com as mãos fazem parte de suas histórias e permanecem sendo modos de se expressar até hoje. Ou talvez, principalmente, hoje.

A costura, o bordado e todas as artes que podemos fazer com as nossas mãos são gestos que compõem com a nossa vida e podem nos ajudar a nos expressar, a nos curar, a nos fazer rever algumas coisas que vamos abandonando com o passar da vida. A máquina de costura é uma linha de fuga, uma luz para a vida de muitas mulheres que conseguem, por meio dela, certa independência diante de relações ainda tão machistas e desiguais (Scareli, 2021, p. 602).

No avesso de um bordado pode-se ver como foi chegar até ali. No avesso de um bordado pode-se ver detalhes das linhas de fugas traçadas. É comum desejarmos a perfeição. Em todas as oficinas que se estenderam até aqui, as artistas falavam em alguns momentos: “não está bom”, “minha mãe olharia pra isso aqui e diria: trabalho porco”, “está mal feito”, “poderia estar melhor”, “faltou isso” e, principalmente, “eu não sei fazer isso” de modo natural, quase como se essas frases fossem pregadas nas cordas vocais para serem ditas todas as vezes que alguém olha para o trabalho feito — e muito bem feito. Em contrapartida, todos os trabalhos eram muito caprichosos, detalhistas, aparentemente demorados e belíssimos, expondo a habilidade manual e artística que todas elas tinham. E elas não só sabiam fazer,



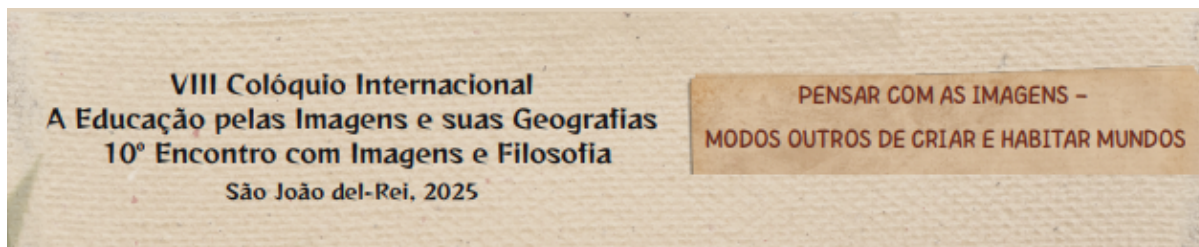
como também conseguiam improvisar muito bem o que “não sabiam”. Mas, mesmo assim, as críticas eram severas para com as suas produções.

Isso pode ser visto em todas as propostas levadas para as oficinas: o oratório, a *ecobag* e a toalha coletiva. Mesmo que a ideia inicial tivesse um objetivo específico, todas elas utilizavam das técnicas que mais gostavam e exploravam suas próprias habilidades e imaginação para seguir com o que queriam, não se preocupando em apenas “finalizar” ou “seguir o que foi pedido”. Elas têm uma relação tão única com as artes manuais, que cada uma parece traçar seu próprio caminho, mesmo que os encontros sejam em grupo e o fazer, coletivo. Ainda que frases como “não está tão bom” sejam verbalizadas, consigo ver pelo olhar brilhando, pelas mãos cuidadosas ao mostrar o tecido bordado e pela vírgula que sucede o “não está tão bom” e acompanha a descrição detalhada de como está e como foi feito tal trabalho descrito, que elas se orgulham do que foi feito e, principalmente, da forma escolhida para o próprio fazer. E isso acontece ao mesmo tempo. Uma fala em cima da outra – não de forma desrespeitosa, mas sim de forma eufórica, como se todas compartilhassem a mesma empolgação do dizer e, por isso, se atravessassem pelas falas – sobre o bordado e sobre as memórias que despertam esse bordado. Por isso, me encanto com os avessos e os “malfeitos”. São eles que escancaram o Caosmos presente em cada um de nós. Das idosas participantes da oficina. Da Simone. Da Giovana. Do Otávio. Da Eymard. E da Giulia.

O avesso mostra nossos erros. Costumamos refazê-los quando é algo muito malfeito ou “tampar” e “consertar” quando são malfeitos menores. Mas são eles que contam as histórias de como chegamos até ali. São eles que mostram parte de nossas escolhas e mudanças. São eles que mostram os passos das memórias antigas e permitem a construção de novas memórias: memórias de como foi chegar até o “bem feito” ou o “quase” “bem feito”, já que a perfeição é inalcançável e a escalada até ela, eterna. Ainda assim, ela é importante. O tentar chegar até ela é o cultivo da quinta estação. É olhar para trás, querer contar sobre o que viveu e, juntamente, continuar vivendo. Desejando noites que riem de agendas e abraçam listas abertas, inundadas de asteriscos e *et ceteras* (Fernandes, 2014) que criam novas memórias. Ensinando e aprendendo pontos, alinhavados, fuxicos e costuras novas. Fiando o tempo para criar linhas de fuga possíveis em cotidianos difíceis, dando atenção aos pequenos gestos e enxergando, nas miudezas diárias, belezas nas coisas mais simples (Scareli, 2021).

**Imagem 1:** O que um avesso pode contar?





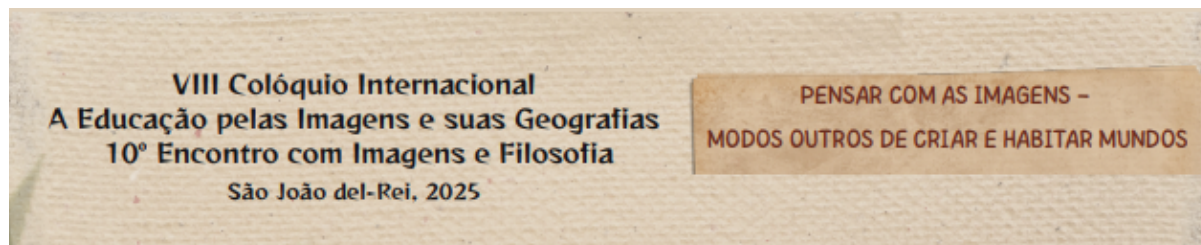
Fonte: Arquivo pessoal das cartógrafas Giulia e Simone.

## Conclusão

Contando histórias e bordando a vida também é a forma como termina esse projeto de pesquisa e como escolhemos terminar este artigo. Rememorado todas as vezes que um parágrafo foi (re)escrito, uma oficina (re)assistida e uma conversa sobre o assunto (re)contada. Nos identificamos com as possibilidades inesgotáveis da arte, os gestos delicados nas artes-manuais e o modo emaranhado de contar cada linha tecida e bordada em vida. Usando as palavras de Lemos (2022), “o têxtil traz à tona a possibilidade de eternizar os pontos, e de alguma forma a lembrança torna-se eterna ao ser costurada sob a trama do tecido” (p. 242) como os bordados-memórias contadas pelas idosas e eternizadas nos tecidos intermináveis “a inteireza do gesto de dar o nó na linha”. Olhando para as linhas, avessos, histórias bordadas, “como pode haver mais boniteza do que na atitude de desatar o nó da garganta.”? (p. 242)

Foi possível perceber que as diferentes narrativas e os modos singulares com que cada participante buscava contá-las refletem o desejo de pertencimento e reconhecimento. Como afirma Afonso (2003), oficinas com dinâmicas grupais mobilizam processos marcados tanto pelas diferenças quanto pelas semelhanças entre os membros, dando lugar a esses sentimentos. Nesse cenário caosmótico, a busca por reconhecimento ganha ainda mais força quando se considera o papel afetivo e (trans)formador das artes nas trajetórias de vida das participantes, o qual permite valorizar a singularidade de cada mulher concretizadas em suas produções a partir das memórias evocadas que têm essas artes como dispositivos.

O empenho das idosas em continuar sempre se esforçando na melhora das peças artesanais, “me ensinam a desmanchar e fazer de novo, todas as vezes que for preciso, a ter cuidado com os outros e consigo mesmo” (Scareli, 2021, p. 602) porque ao vivermos de imediatismos, colocamos a paciência na prateleira mais alta, abandonando-a ao lado da poeira mais difícil de ser tirada e mais convidativa às teias que fazem as aranhas, se tornando refém do tempo, do anoitecer sufocada por travesseiros que (re)fazem agendas mentais, sussurram as entregas que devem ser feitas no próximo amanhecer e repetem, até adormecermos, anagramas de um lugar onde não há tempo. Nunca haverá tempo. “Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo da pesquisa” (Bosi, 2003). E nos embaraços e tropeços de se ouvir



memórias, elas passam a se tornar linhas-guia para repensamos os *et ceteras* que batem em nossas portas e deixamos entrar. Assim como os próprios fazeres manuais das idosas.

A costura feita entre universidade e comunidade, juventude e velhice, academicismo e acaosmos, avessos e tropeços, serve como linhas-guia em um tempo onde o fazer se tornou fuga para mãos que carregam a coragem de bordar sentido. “As linhas-guia creio que são oriundas do nosso novelo de memórias, tal como lembranças do repertório vivencial nos territórios onde o corpo habitou” (Lemos, 2022, p. 241).

**Imagem 2:** Gestos e instantes das oficinas



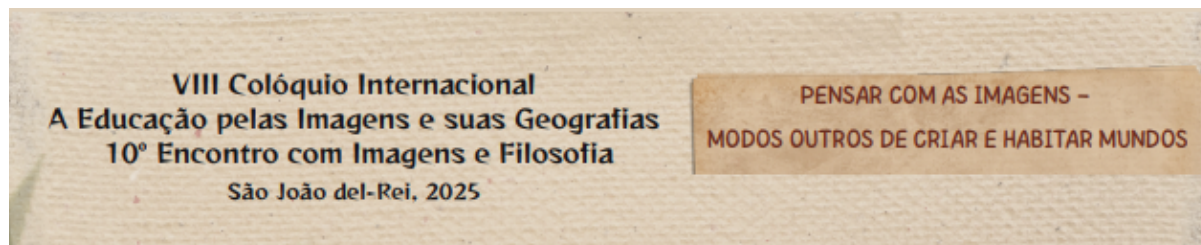
**Fonte:** Arquivo pessoal das cartógrafas Giulia e Simone.

## Rerefências

AFONSO, Lúcia et al. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social. 2002.

ALMEIDA FILHO, E. A.; FERRAZ, B. F. Escrita Galáctica: caos, cosmos, cosmos na poesia de Luis Serguilha. Revista Guarã - **Revista de Linguagem e Literatura**, Goiânia, Brasil, v. 4, n. 1, p. 32–37, 2015. DOI: 10.18224/gua.v4i1.3908. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/3908>. Acesso em: 21 jul 2025.

BARROS, Laura Pozzana; Kastrup, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virginia; Escossia, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 52-75.



BRASIL, **Envelhecimento Ativo**: uma política de saúde. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <[https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)>. Acesso em 10 ago2025.

CARRASCOZA, João. **O céu implacável**. Cravinhos, SP. Alfabeta, 2023.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111> Acesso em: 10 ago 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. 4.

FERNANDES, Rosana. Procedimento de distensão de si, de dissolução do Eu, da forma, da proliferação e de contágio — pornographia. In: AMORIM, A. C.; WUNDER, A. **Leituras sem margens**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014. p. Xxx-174 (Coleção Hilário Fracalanza; v. 7).

LEMONS, Angélica Carvalho. **Quando as agulhas falam**: memórias, bordados e foto-gestos. *Cartema, [S. l.]*, v. 10, n. 10, p. 240–246, 2022. DOI: 10.51359/2763-8693.2022.251192. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/CARTEMA/article/view/251192>. Acesso em: 08 ago 2025.

OLIVEIRA, T. R. M. DE .; PARAÍSO, M. A.. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 159–178, set. 2012.

RANNIERY, Thiago. Vem cá, e se fosse ficção? **Praxis Educativa**, v. 13, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/11787> . Acesso em: 09 ago. 2025.

SCARELI, Giovana. A máquina de costura e os fios da memória: aspectos (auto)biográficos engendrados pelo cinema : (AUTO)BIOGRAPHICAL ASPECTS ENGENDERED BY CINEMA. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.]**, v. 6, n. 18, p. 589–604, 2021. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n18.p589-604. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/11841>. Acesso em: 06 ago 2025.

SCARELI, Giovana. Os cadernos de anotações de Guimarães Rosa e de Eduardo Coutinho: algumas aproximações com a pesquisa em Educação. **Perspectiva, [S. l.]**, v. 39, n. 1, p. 1–19, 2021. DOI: 10.5007/2175-795X.2021.e71304. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/71304>. Acesso em: 06 ago. 2025.